

O nosso Triângulo das Bermudas

As majestosas edificações que abrigam, no Rio, o centro de decisões do BNH, da Petrobras e da antiga sede da Caixa Econômica Federal compõem os vértices de uma original e lendária figura geométrica conhecida por Triângulo das Bermudas. Nessa área confinada entre a veneranda rua do Lavradio e a avenida Rio Branco — a exemplo do que ocorre a sudeste da costa dos Estados Unidos, onde se registram inexplicáveis perdas de aviões, navios e barcos pequenos — é que desaparecem misteriosamente apreciáveis parcelas do nosso dinheiro público. Entre as linhas deste triângulo escaleno situa-se outro ponto de incontestável relevância na economia do País: a sede do BNDES, uma lámina de cristal fumê, com 123 metros de altura, que o carioca apelidou de *Negão*.

A área imaginária localizada entre as Bermudas, Miami e San Juan de Porto Rico tem alimentando, ao longo dos anos, histórias fantásticas de desaparecimentos que até hoje permanecem envoltos por densa penumbra. Quanto aos fenômenos que povoam o nosso triângulo, estes dispensam as habituais teorias manufaturadas apenas para o deleite das mentes mais criativas. São a expiação dos muitos males de que padece o serviço público no Brasil, onde a incompetência, o empregismo, as mordomias e o esbanjamento de verbas com a construção e manutenção de prédios monumentais são responsáveis pela dilapidação de recursos incalculáveis. A miséria colorida que se agita, nervosa, ao lado desses templos — o largo da Carioca atulhado de mendigos, comedores de lâminas de barbear, mágicos e camelôs —, dá a impressão de que se está em Bangladesh.

O dinheiro da Caixa

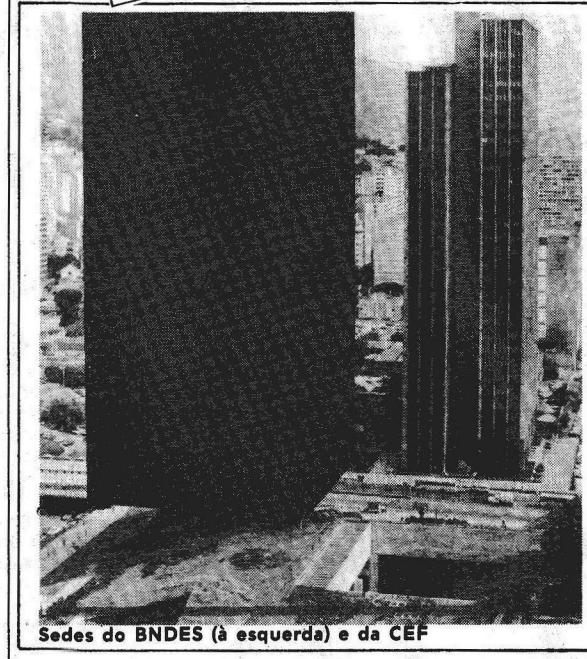
Num dos ângulos deste triângulo caboclo fica o prédio da Caixa Econômica Federal. O luxo e a ostentação que nortearam a redecoração do antigo edifício-sede da CEF — onde foram utilizados os mais sofisticados materiais de acabamento — podem ser aferidos logo no hall do primeiro andar, junto ao rés-do-chão: o dinheiro consumido na colocação de 10.800 metros quadrados de piso em granito juparaná seriam hoje suficientes para financiar a compra de 769 unidades habitacionais do Pró-Morar.

A visão que o hall deste banco social oferece é a de um palácio persa. O requinte da sua decoração interior não se limita apenas ao piso espelhado ou aos dez mil metros quadrados do teto espacial ricamente trabalhado com aletas de alumínio. O bom gosto se estende também ao mobiliário, tapetes e divisórias de madeira confeccionadas em louro claro. Alguns móveis foram especialmente desenhados pela Forma S/A Objetos de Arte, que parece ter vendido à CEF o que havia de melhor em seus mostruários. O esmero na escolha de algumas peças pode ser aferido pelo design de poltronas individuais concebidas pelo estilista alemão Mies Van Der Rohe, um artista consagrado internacionalmente, que deu um toque sofisticado a determinados ambientes que, no entendimento da direção da CEF, exigiam um tratamento mais refinado. Na área do hall, destinada ao público interessado em abrir caderetas de poupança, existem 20 dessas poltronas criadas por Van Der Rohe. Elas integram os famosos e premiados conjuntos Barcelona, com mesas de tampo de vidro de 20 mm que se multiplicam ao longo dos 31 pavimentos do prédio.

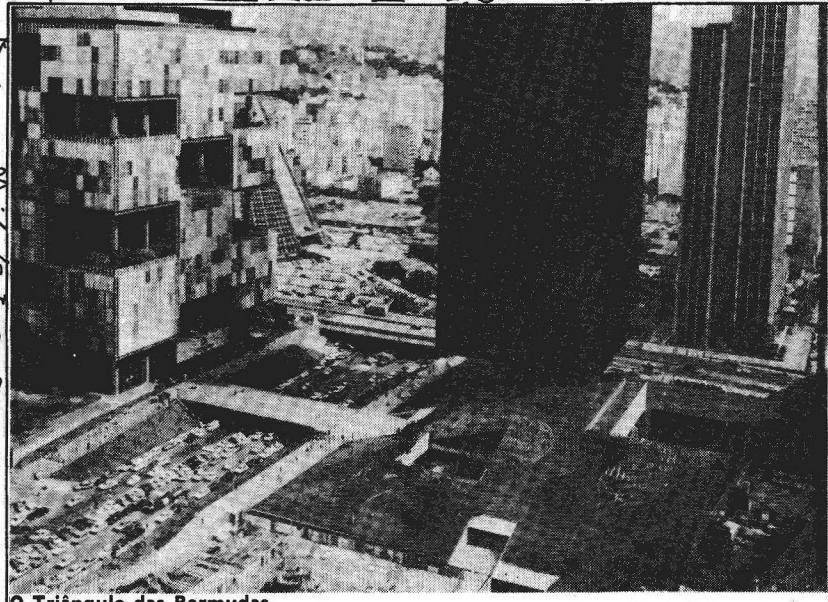
Detalhes

O sucesso alcançado na combinação de determinados detalhes no hall do primeiro andar, onde estão instalados os guichês, deve-se à suavidade da iluminação dos imensos vitrais com 70 metros de comprimento por 5,5 de altura — uma verdadeira obra de arte. A beleza desses vitrais — Céu e Água e Terra e Fogo — exerce um fascínio irresistível sobre os turistas estrangeiros que circulam pela av. Rio Branco.

O incêndio ocorrido na CEF, na madrugada de 14 de janeiro de 1974, quando as chamas devoraram milhares de documentos importantes, durante a gestão de Carlos Rischbieter, foi, entretanto, responsável por algumas alterações apressadas e onerosas. A substituição das



Sedes do BNDES (à esquerda) e da CEF



O Triângulo das Bermudas

placas de cobre martelado que revestiam as colunas do hall foi, por exemplo, uma decisão equivocada, por se tratar de um material que resiste a ação do fogo. A fim de reparar esse engano, o próprio Rischbieter tomou a iniciativa, na época, de contratar o talento do artista plástico espanhol Julio Spinozzo para fazer de cada coluna uma escultura. Até hoje não se sabe quanto ele cobrou para executar esse trabalho com figuras abstratas em alto-relevo.

A reforma do prédio, logo após a tragédia de janeiro de 1974, foi conduzida pelo gosto pessoal de Rischbieter que afastou os veteranos arquitetos da casa para contratar outro profissional de sua inteira confiança: o arquiteto paulista Paulo S. de Gasperi Lopes. De Gasperi não só selecionou os materiais utilizados na redecoração do prédio como escolheu os móveis, tapetes e luminárias. Isso tudo a fim de que houvesse uma unidade de estilo nos 31 andares do prédio; todos os móveis foram encomendados à Forma S/A.

Vida dura

Aos mutuários do Sistema Financeiro Habitacional, a CEF parece ter reservado a melhor de suas peças artísticas: um imenso painel do pintor Bandeira de Melo, localizado na vizinhança da carteira de hipotecas e da seção de prenhos. O painel retrata a vida dura e difícil de garimpeiros, seringalistas, pescadores e homens do campo. Aquelas figuras esqueléticas e descalças, com roupas em frangalhos reproduzem cenas avulsas da dolorosa realidade brasileira em

Aqui, não somem navios ou aviões: some quase todo o dinheiro do Brasil. Inicie, portanto, seu passeio pelo nosso Triângulo das Bermudas, no texto de Domingos Meireles, preparado para as surpresas: a sumptuosa sede do BNH, com sua incrível pinacoteca, custou toneladas de dinheiro e é um insulto a quem trabalha e acalenta o sonho da casa própria; a do BNDES, com sua lámina de cristal fumê de 123 metros de altura, que o carioca apelidou de *Negão*; a da CEF, um pouco menos ousada, só com seus 10.800 metros de granito juparaná e os vitrais Céu e Água, Terra e Fogo, além dos painéis de Bandeira de Melo; a da Petrobras, com os seus 20 mil metros de granito cinza andorinha (65 mil cruzeiros o metro quadrado). Quem pagou tudo isso? Você. Por Fernando Portela e Vital Battaglia (reportagem e coordenação), Rodrigo L. Mesquita (coordenação e edição), sucursais e correspondentes.

que vivemos. A irreverência do pintor insinua que a CEF, como banco social, está inteiramente divorciada dos objetivos que inspiraram a sua criação. Há muito que ela deixou de amparar e humanizar as condições de vida dos trabalhadores fixados em cores mortas pelo pincel sarcástico de Bandeira de Melo.

D.M.

Os jardins suspensos da Petrobras

marcaram os anos Médici: as luzes dos seus 26 pavimentos jamais se apagaram. O prédio permanecia aceso, dia e noite, como uma chama. A energia produzida pelos três geradores de 5 mil KW de potência era mais do que suficiente para atender às necessidades de consumo de uma cidade como Americana, com cerca de 120 mil habitantes. A idéia era fazer dessa edificação uma espécie de símbolo da nova nação que então surgia: a chamada potência emergente que vicejava com o milagre econômico. Até hoje as salas, corredores e gabinetes da sede da Petrobras não têm interruptores de luz.

O prefeitinho Robinson, como é conhecido o administrador do prédio, sustenta que há muito as luzes deixaram de ficar permanentemen-

te acesas. A iluminação da sede, como uma série de outros serviços, é atualmente controlada por um computador.

Numa época de contenção de despesas como a que vivemos, seria um luxo manter o prédio iluminado dia e noite. As luzes se apagam e se acendem com o auxílio de um computador. Todos os meses o presidente Ueki recebe um relatório sobre o consumo de energia do prédio.

Audácia?

A monumentalidade desse projeto pode ser aferida por meio de algumas audaciosas soluções arquitetônicas como os grandes espaços livres que receberam um tratamento especial do paisagista Burle Marx: os chamados Jardins Suspensos da Babilônia. Nessas áreas foram plantados imensos jardins que se transformaram numa verdadeira atração para os arquitetos e turistas em visita ao Rio de Janeiro.

O arquiteto paranaense Roberto Luiz Gandolfi, um dos autores do projeto da sede da Petrobras, nega que tenha utilizado esses espaços apenas para conferir um toque de grandiosidade à edificação.

O objetivo era proporcionar uma boa insolação ao miolo do prédio. Reconheço que foi uma solução revolucionária, na época, no que se refere a prédios de empresas ou órgãos estatais. As áreas livres, entretanto, acabaram conferindo uma solene majestade a toda a edificação.

As fachadas que não foram contempladas com a suave insolação criada pelos espaços livres não

ficaram expostas diretamente à luz do sol. Receberam gigantescas persianas de alumínio anodizado conhecidas por brise-soleils e fixadas na parte externa do prédio. A face voltada para o sul foi protegida com vidros duplos veneglass, importados dos Estados Unidos, dotados de micropersianas internas de alumínio. Os 27 mil metros quadrados de fachadas envidraçadas daram para envidraçar mil apartamentos de três quartos com esquadrias panorâmicas. Na construção desse prédio, onde foram consumidos 32 mil metros cúbicos de concreto — quantidade suficiente para erguer 30 edifícios de 10 pavimentos — não houve também preocupação com gastos de nenhuma natureza. Nessa obra foi utilizado o que havia de melhor.

Nossa riqueza

Os pisos empregados na sede da Petrobras (20 mil metros quadrados de granito cinza andorinha, que custa hoje Cr\$ 65 mil o metro quadrado, e o parque em mosaicos de madeira Gonçalo Alves) dariam para cobrir as pistas de rolamento da avenida Presidente Vargas, entre a praça Onze e a igreja da Candelária. As 3 mil toneladas de aço para a armadura de concreto empregado na estrutura, considerando o diâmetro médio de meia polegada, teriam a extensão de 3 mil quilômetros, o que equivale à distância entre o Rio e Belém do Pará.

Os 23 elevadores sociais, por exemplo, foram concebidos para transportar 506 passageiros em uma só viagem, bastando, portanto, oito viagens, com lotação completa, para conduzir ao local de

trabalho todos os funcionários de um único turno.

O tratamento que os arquitetos deram aos gabinetes da presidência e da diretoria pode ser avaliado pelo esmero do acabamento do hall. Ali, o efeito de monumentalidade foi obtido por meio de uma escada helicoidal e de um jogo de elementos escultórios em concreto aparente que compõem o ambiente solene do primeiro andar, o pavimento cultural, onde estão instaladas a biblioteca central, o salão permanente de exposição e um dos mais sofisticados auditórios do Rio, com capacidade para 300 lugares. No descanso do braço de cada poltrona há um cinzeiro e uma caixa contendo um microfone e um fone, além de dois controladores de volume e um seletor de canais, para tradução simultânea. Com o microfone, qualquer um dos assistentes poderá apartear os oradores sem sair do lugar.

O prefeitinho do prédio chama a atenção para um detalhe grandioso: a fachada dos três últimos andares superiores, uma massa escultórica, trabalhada em relevo com o auxílio de placas de isopor.

O maior painel de concreto do mundo.

D.M.

O Negão, como foi batizada a nova sede do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Sócio a (BNDES) — uma lámina de vidro fu-

mê temperado com cem metros de altura —, levou sete anos para ficar em pé. Ao começar a ser ocupada, a obra estava quatro anos atrasada e quase dez vezes mais cara: o seu custo saltou de Cr\$ 708 milhões, a preços de 1975, para Cr\$ 6,9 bilhões, no final de 1981. A principal justificativa para a construção da nova sede, na avenida Chile — onde já se achavam instalados a Petrobras e o BNH —, era a necessidade de concentrar todos os serviços do banco num só lugar e eliminar as despesas de aluguel, em torno de Cr\$ 600 milhões anuais, na época.

O projeto do Negão foi desenvolvido por um grupo de arquitetos do próprio banco que optou por uma fachada de superfície contínua como se fosse uma lámina de vidro escuro. A decoração interna do prédio foi despojada de qualquer traço de opulência, apesar de alguns preciosismos, como o desenho especial de parte do mobiliário, que foi planejado pelos arquitetos do banco e executado por uma empresa particular.

Negão, o pobre.
BANCOS DA CAPITAL, PÁGINA 66
O Negão, apesar das suas li-

nhas, é talvez a edificação mais pobre das estatais que integram o chamado Triângulo das Bermudas. Algumas dependências, como o hall principal, exibem a infra-estrutura das instalações hidráulicas, elétricas e de ar-condicionado, como principal elemento decorativo. Ali, o único luxo é o piso em granito cinza campo grande, que domina também os acessos aos 16 elevadores do prédio, ao longo dos seus 22 pavimentos.

Ao contrário dos prédios do BNH, da CEF e da Petrobras, não foram utilizados materiais nobres no acabamento dos pisos das salas e dos gabinetes distribuídos pelos 1.800 metros quadrados de cada andar. Nesses ambientes, o carpete foi aplicado diretamente sobre o concreto, como sendo a alternativa mais econômica e funcional.

Os gabinetes da presidência e da diretoria do banco são sobriamente decorados, em contraste, por exemplo, com a pompa e a ostentação que caracterizam esses mesmos ambientes no BNH. Um dos exageros do projeto foi talvez a construção de uma garagem, em três sub-solos, com capacidade para 800 veículos, quando a sede do banco foi erguida ao lado de uma das principais estações do metrô, com a qual se interliga através de um acesso especial. D.M.